

TENHO UMA IDEIA

Contos de *ARSÊNIO MOTA*

Ilustrações de *JÚLIO RESENDE*



TENHO UMA IDEIA

Contos de *ARSÉNIO MOTA*

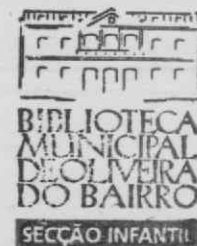
Ilustrações de *JÚLIO RESENDE*



6 ABR 99 002491



PORTO EDITORA



VIAGEM AO OUTRO LADO DO ESPELHO

Uma vez o professor estendeu o braço, fez o gesto redondo do conquistador de novo território e anunciou:

— Este espaço é para nós. Que vamos fazer com ele?

A hora do recreio apenas durava meia hora e tinha chegado numa tarde com frio e muita chuva. Não podíamos sair da sala de aula porque a escola não tinha sítio bom para estarmos. Então o professor inventou aquele jogo que começava com aquela pergunta.

Em grande algazarra, a turma reagiu.

Um pretendeu que o espaço servisse para um campo de jogos, outro quis um carrossel, outro um jardim, outro um prédio com casas, outro um palácio encantado com mil fadas boas e anões divertidos...

Todos falavam ao mesmo tempo e acabou por não se perceber nada.

— Ninguém quer o espaço para um recreio melhor? — estranhou o professor, a tecer a barba com dois dedos e, no meio, a abrir um sorriso.



VIAGEM AO OUTRO LADO DO ESPELHO

Uma vez o professor estendeu o braço, fez o gesto redondo do conquistador de novo território e anunciou:

— Este espaço é para nós. Que vamos fazer com ele?

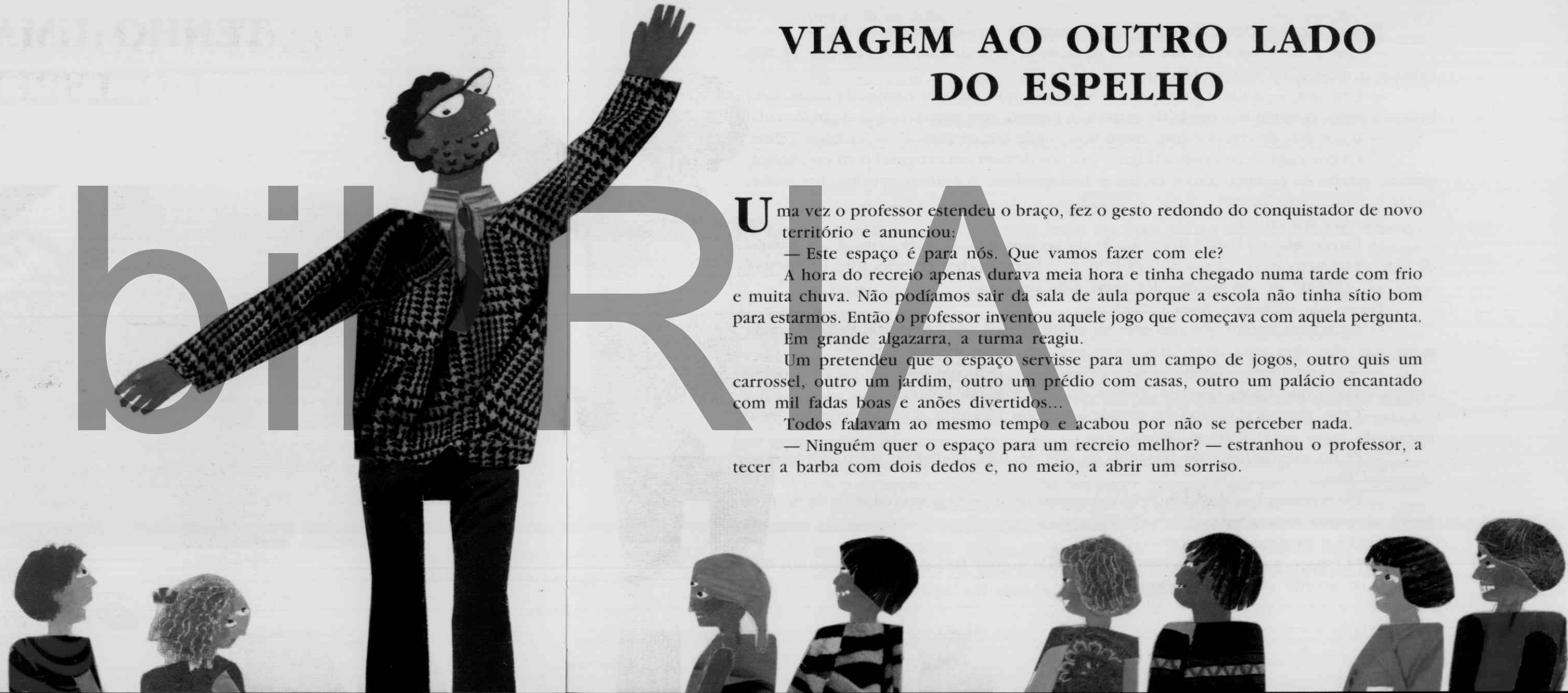
A hora do recreio apenas durava meia hora e tinha chegado numa tarde com frio e muita chuva. Não podíamos sair da sala de aula porque a escola não tinha sítio bom para estarmos. Então o professor inventou aquele jogo que começava com aquela pergunta.

Em grande algazarra, a turma reagiu.

Um pretendeu que o espaço servisse para um campo de jogos, outro quis um carrossel, outro um jardim, outro um prédio com casas, outro um palácio encantado com mil fadas boas e anões divertidos...

Todos falavam ao mesmo tempo e acabou por não se perceber nada.

— Ninguém quer o espaço para um recreio melhor? — estranhou o professor, a tecer a barba com dois dedos e, no meio, a abrir um sorriso.



Telma, Jorge e Deolinda ergueram o braço ao mesmo tempo:

— Quero eu — disseram em coro; olharam-se e desataram a rir porque os três pediam o mesmo ao mesmo tempo.

— Ora, ora! — atalhou Valentim. — Se tivéssemos um bom campo de jogos, com balizas e tudo, também nos servia de recreio. E pronto, não precisávamos de mais nada!

— E nos dias de chuva e frio, como hoje, onde nos metíamos? — lembrou Telma.

— Cá por mim — comentou Hugo —, se nos dessem um carrossel com cavalinhos, gazelas, girafas de pescoço alto e elefantes branquinhos, ficávamos aviados. Era andar, andar e nunca mais faltar!

Ricardo fez crítica:

— Parece que só temos necessidade de recreio melhor para brincar, de campo de jogos para brincar, de carrossel para brincar... Deixemo-nos de brincadeiras! Pensem antes na utilidade de um prédio. Há tanta falta de casas!

Fez-se um silêncio e Rosa considerou:

— Eu achava bonito que nascesse no nosso espaço um jardim. Os velhos e tanta gente não têm sítio para estar, mas agora nem sei, acho melhor calar-me...

— Seja como for — interveio o professor —, é evidente que não cabe no nosso espaço tudo o que vocês querem. Temos de chegar a um acordo.

— Cabe, sim, se o espaço for grande — teimou Valentim, a sonhar com um belo campo de jogos para arejar as pernas.

— Se ao menos fosse do tamanho da sala de aula, podíamos ter o carrossel — observou Hugo.

— Ou o recreio? — duvidou Telma; e acrescentou: — O gesto redondo do Sr. professor abrangeu toda a sala...

Então o professor esclareceu:

— O espaço pode ser mais ou menos grande porque terá o tamanho que nós quisermos, de acordo com certas regras.

A turma ficou admirada:

— Pode ser mais ou menos grande? Então que dificuldade pode haver? Cabe nele tudo quanto quisermos! — exclamaram alguns.

— Não, não cabe — contrariou o professor; sorria, divertido, e ajeitava os óculos no nariz. — E não cabe porque vocês estão a servir-se de um truque.

— Um truque? — admirou-se outra vez a turma. Aquele professor era um espanto.

— Sim, vocês estão a fazer o espaço grande e pequenas as coisas que nele pretendem meter — replicou.

— Como é isso?

— Querem ver? Diz-me, Rosa, serias capaz de meter, sem fazer batota, um comboio num vagão? E tu, Valentim, podes meter um livro inteiro numa folha? E tu, Ricardo, imaginas um ser com uma boca maior do que o seu corpo? Não? E agora, Hugo, diz-me, és capaz de meter o teu casaco todo dentro do bolso maior que ele tem?

— Também não — concordou Hugo. — O meu bolso maior é, evidentemente, mais pequeno do que o casaco...

— Ora aí está. — Pôs-se a passear na sala e continuou: — Um truque cura-se com outro truque melhor. Vamos então assentar no seguinte: o nosso espaço tem o tamanho do bolso de um casaco, um casaco especial. Pode ser tão grande que um gigante dos mais crescidos ficaria com ele vestido da cabeça aos pés. De que tamanho o querem, afinal?

A turma calou-se porque era difícil perceber como podia ser mais ou menos grande um espaço onde não cabia tudo o que se pretendia, embora pudesse ter o tamanho que se desejasse, mas já lhes parecia que o resultado seria igual fosse ele grande ou pequeno.

À espera de explicações, todos olhavam para o professor que por fim parou e disse:

— O melhor será mostrar-vos claramente o espaço em vez de o descrever com um gesto no ar.

Dirigiu-se ao quadro, pegou no giz, esticou o braço e desenhou um círculo.

— Pronto, aqui está ele para que vocês o vejam bem, no quadro ou em qualquer outro sítio onde traçarmos um círculo mágico — disse o professor.

Com a mão indicava o grande O, mostrando o espaço que lá dentro estava contido como se o desenho fosse uma vasilha.

Num canto da sala, um aluno contemplava distraído os vidros da janela onde os pingos de chuva escorriam grossos, incessantes. Tibério era o seu nome e devia voar, longe, no país do sol perpétuo, acompanhando as andorinhas, porque os seus pensamentos mais leves também tinham asas e gostavam de voar, antes do Inverno, para o Sul.

— Tibério! Estás a compreender?

— Sim — respondeu ele ao professor, como se estivesse à espera da chamada. — É evidente: o círculo mágico rodeia um espaço nosso. Aí está o desenho no quadro a mostrá-lo. Dentro dele podemos fazer muitas coisas segundo certas regras. Só não sei qual é a natureza do espaço que se encontra dentro do círculo.

— De que natureza achas que pode ser, Tibério?

— Pode ser feito de ar, como qualquer buraco, ou de alguma outra coisa, por exemplo o quadro em que o Sr. professor o desenhou, ou a terra, caso o desene no chão.

— Ora! Vê-se que o espaço não é feito de ar! — reclamou Valentim, que não desistia do campo de jogos. — E digam-me, o que poderíamos fazer com um buraco? Só se fosse para cairmos nele!...

Estalaram risos e o professor, de repente sério, atalhou:

— Sabemos das discussões que por vezes há entre Valentim e Tibério. Alguns de vocês, maldosamente, atacam a rivalidade entre os dois: consideram Valentim um bom estudante porque passa nos exames e desconsideram Tibério dizendo que já reprovou duas vezes. Mas enganam-se se pensam que um é inteligente e outro uma nulidade. Não é assim, já vos avisei. São diferentes, nada mais. E agora, sem risos, deixem Tibério falar.



Dizias tu...

— Por mim — explicou ele — sou capaz de imaginar que o desenho do O no quadro é a moldura de uma espécie de espelho. Estamos a contemplar-nos nele e nem o percebemos. Não reconhecemos as nossas caras porque o espelho nos cega!

— Como devíamos utilizá-lo se fosse realmente um espelho?

— Devia servir-nos para viajar até um mundo diferente, com muita fantasia, como eu pedi de início, mas ninguém me ouviu. A fantasia ajuda-nos a conhecer melhor.

O professor virou-se para a turma e perguntou:

— Quem quer viajar através do espaço que é o espelho até um mundo desconhecido, com fantasia? Será mais proveitoso do que amontoarmos num único sítio tudo o que vocês pretendem. O monte ia chegar às nuvens!

— Que temos de fazer? — interrogaram alguns.

— Pouco. Continuem sentados nos vossos lugares e deixem-se conduzir por Tibério. Vamos ouvi-lo — disse o professor.

No seu canto, Tibério ergueu-se e apontou para o espaço aberto no quadro pelo O.

— Eu disse que podia ser um espelho, mas, antes, devia ter dito que o círculo me lembra um menino por nascer, uma ideia nova ainda por pensar ou uma folha de papel branco à nossa espera...

A chuva açoitava as vidraças e começava a ficar escuro na sala, mas ninguém pedia para acender as luzes. Tibério prosseguiu:

— Acho que deve esconder-se por debaixo daquela superfície um buraco grande, imenso. Portanto, deve ser uma espécie de porta de passagem capaz de conduzir até ao inacessível outro lado das coisas.

A turma ouviu estas palavras com surpresa. Aquele Tibério era, ao lado do professor, outro espanto.

O professor ouvia-o com agrado, atento ao que ele dizia, pois era interessante. Perguntou-lhe:

— E que vontade sentes diante de um buraco assim?

— Dá-me vontade de reunir muitas palavras escolhidas e de as enlaçar umas nas outras até formarem o cordão de um sentido, para depois as estender, bem apoiadas nas margens do abismo, como uma ponte salvadora, logo seguida de outras pontes sucessivas até que o buraco fique completamente tapado com uma superfície de palavras sólidas tecidas pela fantasia.

Então uma maravilha aconteceu.

A sala iluminou-se como se tivesse passado por ela uma estrela cadente e nós, de inteligências também iluminadas, vimos com clareza tudo o que Tibério descrevia. Aquele O mágico era realmente a moldura de uma espelho a luzir que escondia o buraco onde nós teríamos de cair para atingir, em viagem vertiginosa, o inacessível outro lado das coisas, que ninguém viu.

A maior maravilha foi esta: continuámos sentados nos nossos lugares e, ao mesmo tempo, avançámos para o quadro, onde o espelho a brilhar nos atraía. Reconhecemo-nos um a um na sua superfície polida mas na verdade tecida de palavras e, num saltinho, passámos para o outro lado.

Tantas surpresas!

O buraco nascia ali como a água mais pura nasce de uma fonte inesgotável e corria para longe, cada vez mais para longe, como um rio cintilante à espera dos seus primeiros navegadores-descobridores.

O grupo, com Tibério à frente, deixou-se ir no caudal onde as surpresas se sucediam. Andorinhas vindas do Sul voavam num céu azul e fácil foi encontrar um jardim com rosas perfumadas abertas todo o ano e um carrossel a girar com gazelas, cavaleiros, girafas de pescoço alto e elefantes branquinhos, e um prédio de casas, e um campo de futebol com balizas e tudo, e até um recreio abrigado para melhor servir os alunos da escola no Inverno.

Cada coisa tinha ali o seu espaço próprio, não fazia monte com outras porque estávamos a viajar por dentro do buraco e o buraco corria sempre para diante como um rio, abrindo espaço para tudo.

Foi ali que ouvimos uma fábula, a dos gémeos e o rio, parece que cheia de moral. Contaram-na assim:

«Um homem vivia no meio das serras e aborrecia-se a olhar para os montes, sempre ermos e quietos, ou para o céu, onde por vezes surgiam nuvens brancas, cinzentas, pretas.

— Se ao menos corresse um rio por esta secura! — exclamava o homem. Certo dia, construíram uma barragem lá longe e, de repente, um rio começou a correr por ali.

O homem até saltava, cheio de animação, e só tinha olhos abertos para as novidades e as belezas do «seu» rio.

Acordava de manhã, ao nascer do sol, e nada mais procurava fazer durante o dia. A noite encontrava-o ainda a contemplar a torrente das águas fluviais, ondulantes como o peito de alguém que respira quando dorme.

Depois demorava-se um pouco, apreciando o rio à luz do luar.

Via passar barcos de velas gordas como bochechas, pequenas embarcações movidas à força de remos, barulhentos navios a motor, porque o rio era uma estrada com animação incessante.

Atraído, o homem aproximou-se e contemplou-se nas suas águas. Eram fundas, cheias de brilhos intrigantes, movimentos fugidios, negrumes assustadores!

Deixou definitivamente de olhar para os montes. Quando apareciam nuvens pretas reflectidas no rio, murmurava, de costas para as serras:

— Vai chover não tarda.

E não se despegava da margem.

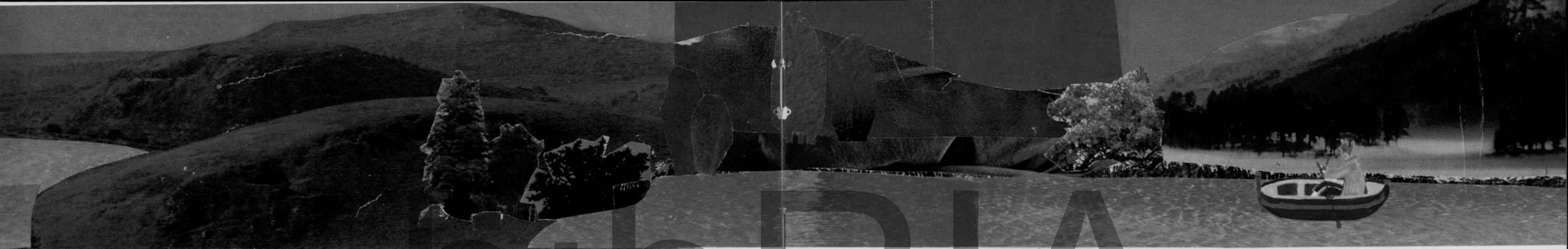
Observava os barcos a ir e a vir, avaliava as mercadorias ou as pessoas que transportavam, ouvia zonzuns do que essas pessoas diziam ou faziam e sentia-se feliz por saber o que sabia, plantado na margem do «seu» rio.

Certa tarde quente, um daqueles barcos desviou-se, meteu a quilha em terra e o homem viu sair um indivíduo que se parecia tanto com ele próprio como se fosse seu irmão gêmeo.

Espantado (porque, que ele soubesse, não tinha irmão e muito menos gêmeo), ouviu o outro a perguntar-lhe:

— Por favor, onde poderei ser visto como sou?





— Quereis sair deste rio?

— Este rio é a minha viagem, não o destino que procuro — declarou o viajante.

— Se quereis habitar outra terra, tereis de subir esses montes e atingir aquele cimo.

É lá uma nascente.

O outro afastou-se sem demora, a trepar e a suar pelos montes ermos e quietos.

O homem, na margem, com o barco vazio ao seu alcance, pensou então em realizar o seu sonho: fazer uma viagensinha pelo rio. Mas vacilou e tornou a vacilar.

Pensava naquele seu gémeo tão estranho, que viajava num lindo barco e o abandonava para ir beber não do «seu» rio, antes de uma qualquer nascente que ninguém conhece nem figura nos mapas e que passa o tempo a derramar o seu fio de água pelo dorso do monte.

Vinha o seu gémeo não se sabe de onde, navegando por uma estrada líquida como um peixe. E transformara-se ali, diante dele, num ser terrestre para ir habitar um daqueles montes ermos.

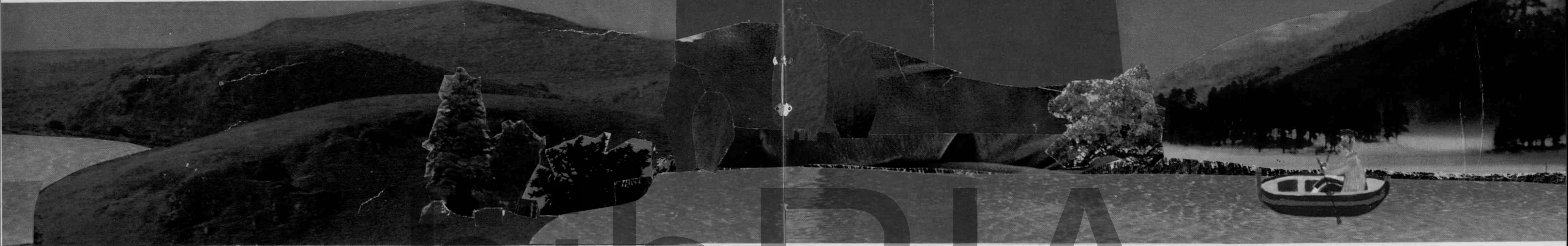
Era o seu vivo retrato, com a diferença de que não gostava de viver à beira-rio nem de, com o seu lindo barco, viajar para conhecer mundo.

Porém, o homem gostava tanto do rio que não se despegava dele e tinha como sonho maior a posse de um barco para andar de um lado para o outro, acompanhando os acontecimentos e os montes de mercadorias.

Na sua ideia, era muito mais importante saber o que se passava ali do que qualquer outra coisa. Até o som ritmado das ondas a chapinar nos mouchões da margem durante a noite lhe parecia mais importante que tudo quanto o seu gémeo poderia encontrar no cimo daqueles montes.

Era, a bem dizer, o ritmo da música que os reis ouviam nos seus salões, entre vênias e cortesias.

Assim pensava o homem até que viu surgir o seu gémeo e, com espanto crescente, notou que não dava mostras de o reconhecer. Falou-lhe como se falasse com qualquer desconhecido que se encontra na rua, ou consigo mesmo. E tinha abandonado ali um



— Quereis sair deste rio?

— Este rio é a minha viagem, não o destino que procuro — declarou o viajante.

— Se quereis habitar outra terra, tereis de subir esses montes e atingir aquele cimo.

É lá uma nascente.

O outro afastou-se sem demora, a trepar e a suar pelos montes ermos e quietos.

O homem, na margem, com o barco vazio ao seu alcance, pensou então em realizar o seu sonho: fazer uma viagensinha pelo rio. Mas vacilou e tornou a vacilar.

Pensava naquele seu gémeo tão estranho, que viajava num lindo barco e o abandonava para ir beber não do «seu» rio, antes de uma qualquer nascente que ninguém conhece nem figura nos mapas e que passa o tempo a derramar o seu fio de água pelo dorso do monte.

Vinha o seu gémeo não se sabe de onde, navegando por uma estrada líquida como um peixe. E transformara-se ali, diante dele, num ser terrestre para ir habitar um daqueles montes ermos.

Era o seu vivo retrato, com a diferença de que não gostava de viver à beira-rio nem de, com o seu lindo barco, viajar para conhecer mundo.

Porém, o homem gostava tanto do rio que não se despegava dele e tinha como sonho maior a posse de um barco para andar de um lado para o outro, acompanhando os acontecimentos e os montes de mercadorias.

Na sua ideia, era muito mais importante saber o que se passava ali do que qualquer outra coisa. Até o som ritmado das ondas a chapinar nos mouchões da margem durante a noite lhe parecia mais importante que tudo quanto o seu gémeo poderia encontrar no cimo daqueles montes.

Era, a bem dizer, o ritmo da música que os reis ouviam nos seus salões, entre vênias e cortesias.

Assim pensava o homem até que viu surgir o seu gémeo e, com espanto crescente, notou que não dava mostras de o reconhecer. Falou-lhe como se falasse com qualquer desconhecido que se encontra na rua, ou consigo mesmo. E tinha abandonado ali um

barco encantador, tinha virado as costas ao rio para trepar à nascente.

O homem pensava, pensava e não compreendia.

Num esforço maior, de repente iluminaram-se-lhe as ideias.

O que ele próprio sentia junto do «seu» rio era um simples zumbido — o zumbido do movimento que não era seu e que lhe era dado apenas contemplar. Mais inteligente, o gêmeo tinha mais sorte: nos montes podia ouvir a palpação das folhas do arvoredo e das ervas tocadas pelo vento, as gotas da chuva a bater nas pedras, as asas dos insectos a vibrar ao calor do sol, a água pura da nascente a jorrar pelas encostas.

E ouvia, principalmente, o silêncio quase vivo e sólido.

Tudo isto, sem dúvida, valia mais.

Então o homem afastou-se do barco, afastou-se sem pena do rio e trepou também aos montes à procura do seu gêmeo. E quando com ele se reencontrou, uniu-se-lhe como a sombra que regressa ao seu corpo.»

Não conseguimos descobrir a moral desta fábula, mas também não nos sobejou tempo para isso porque continuámos a percorrer velozmente o buraco que corria sempre para diante como um rio, abrindo espaço para tudo.

Por fim, descobrimos um palácio com muitas fadas boas a brincar em alegres corridas pelos salões com anõezinhos travessos, que lhes escondiam a varinha de condão porque nem era preciso praticar boas acções, já estavam todas feitas.

Passámos por tudo isto enquanto íamos caindo mais fundo no buraco, que era uma espécie de canal onde navegávamos do outro lado do espelho à descoberta de um mundo novo. Nem sequer tínhamos saído completamente dos nossos lugares, divididos em dois bocados como um fecho «éclair» aberto, e devíamos ir já longe da escola, longe de tudo, fascinados com tanta maravilha, quando o curso do canal deu uma volta completa, como um O que se fecha, e de súbito vimo-nos regressados ao ponto de partida.

O professor aproximava-se do quadro, a olhar para nós e para o relógio. Pegou numa esponja e disse:

— O espaço que desenhei é mágico, não se esqueçam. Apareceu facilmente e facilmente vai desaparecer, porque a meia hora termina!

Esfregou a esponja húmida na ardósia negra e o círculo mágico apagou-se.

— Acabou o recreio! — anunciou ele. — Abram os vossos cadernos, vamos estudar Matemática!

bibRIA

TENHO UMA IDEIA

bibRIA

Tenho uma ideia dentro da cabeça. É linda e está a crescer, a crescer, a dar voltas e mais voltas porque quer ter corpo para sair cá para fora como um pintainho que rompe com o bico a casca do seu ovo. Mas ainda nem sei o seu nome.

A ideia é mesmo linda. Sorri com cara de menina corada e rechonchuda a lembrar um girassol e, em vez de ficar em condições de nascer, demora-se a dar voltas e não me sai da cabeça.

Estou a olhar para ela com metade dos olhos, que meto dentro de mim para espreitar até lá ao fundo e, quem está ao meu lado, avisa-me: eu sorrio também, a olhar feito pateta para a janela azulada por um pedaço de céu.

Deve ser a ideia que está a sorrir cá para fora através dos meus olhos e da minha boca, como se a minha cara fosse a dela, de menina corada e rechonchuda como um girassol.

Que é uma ideia sorridente, não há dúvida. Está bem disposta, arrebita as orelhas grandes como um coelho no campo que ouve os cães dos caçadores a ladrar ao longe. Mas ele, o coelho, não se mete na toca, prefere correr aos saltos em cima das molas dos pés. Por fim, o maroto esconde-se nas moitas, a jogar comigo às escondidas. Sou eu o caçador.

É, também, uma ideia ladina. Misturou-se com o coelho para sair da minha cabeça e viajar, disfarçada com a maior comodidade. Mas eu juro que é a minha ideia que vai dentro dele, tap, tap, tap, a correr pelo campo, num dia bonito, bom para o passeio.

A ideia-coelho salta no ar como uma bola felpuda, transforma-se num pássaro cantor e, com uma flor no bico, esvoaça por cima do recreio da escola onde brinca um animado grupo de crianças, poisa no ombro da menina que está triste a um canto e entrega-lhe a flor como quem oferece um beijo.

Depois já não é pássaro, é seta veloz disparada na direcção do Mapa do Tesouro dos Piratas, faz o que os desenhos explicam, três passos da árvore para a esquerda em direcção ao Sol, em seguida onze passos para a direita, encontra outra vez a seta e em frente um enorme penedo, deve ser ali que se esconde o tesouro.

Afinal, debaixo do penedo não há riqueza nenhuma em ouro e brilhantes. Há, sim, uma mina de alegria. Negros mineiros, com feixes de luz na testa, trabalham como danados a encher vagonetas e vagonetas de boa disposição, que deslizam pelos carris do mundo com a seta à frente, a abrir o caminho.



LIBRERIA

O maquinista do comboio das vagonetas é o Palhaço, pouca terra, pouca terra, é entrar, meus meninos, é entrar, quem tem cabeça não paga nada e quem a não tem nada também. Pronto, aí temos o comboio a âpitar e a girar no meio do circo como um carrossel, traz alegria a rodos para todos, quem não gostar nem aplaudir está doente com certeza.

O Palhaço ri tanto que até chora, cai ao chão, catrapus!, nem o elefante fazia maior estrondo. O circo estremece, ou me engano ou está a rir-se também, e a ideia, para não ver aquelas fitas, voa até lá acima para acompanhar a linda trapezista que sorri na corda, entre dois mastros, e voa pelo ar como um pássaro a saltar de ramo.

Aparece então o Ilusionista. Tira o chapéu da cabeça, é um chapéu de cartola, e pasmem todos, de lá tira o coelho que andava há pouco pelo campo, de orelhas arrebitadas, a fugir ao caçador. O Ilusionista pega na varinha mágica, transforma o coelho numa pomba branca, vejam-na a voar pelo circo em torno dos mastros e dos holofotes, a música toca ta-tchim, ta-tchim, depois tudo desaparece. O que sai da cartola, deixem-me ver, parece um lenço multicolor, não, é uma enfiada de panos que riem no ar a bandeiras despregadas.

Por fim, o Director faz um gesto, a música mistura-se com o som das palmas e o Ilusionista mete tudo outra vez na cartola e sai. Lá dentro leva, julgo eu que a dormir, esta ideia que me saiu da cabeça.

Estava eu ali muito ocupado quando senti qualquer coisa pequenina a mexer no fundo do meu cérebro. Senti, mas não liguei porque tinha mais que fazer: precisava de terminar o meu trabalho e não estava para distrações.

Mas aquilo continuava a bulir. Era como se eu, cheio de sono, tivesse poisado a ponta dos meus dedos no guarda-lamas de um automóvel com o motor ligado, ou na barriga de uma pessoa a rir-se por detrás de uma cortina. E eu, moita: fazia de conta que não era comigo...

Aquela coisa, porém, não desistia, já quase nem me deixava trabalhar. Tive de lhe dar atenção, espreitando para dentro de mim com metade dos olhos, que aprendia a meter para dentro.

Era a minha ideia, outra vez acordada, que piscava os olhos e sorria, toda gaiteira, a desafiar-me.



— Queres brincar um bocadinho comigo? — perguntou, logo que me viu ao seu dispor.

— Não vês que estou a trabalhar? — rabujei. — Uma pessoa não brinca quando quer, mas sim quando pode! Como te atreves a intrometer-te nas minhas ocupações?... Deixa-me!

Eu dizia isto porque a Ideia (chamo-lhe assim, é melhor ficar com este nome) estava a convencer-me: já se enroscava nas minhas pernas e mãos, sempre a rir, e paralisava-me os movimentos.

— Não tenho mais ninguém para brincar — repetia ela. — E diz-me francamente, não gostaste do passeio que te proporcionei, cheio de novidades e boa disposição? Fomos ao campo onde vivem o coelho e o pássaro, depois fomos ao Tesouro dos Piratas e à mina da alegria e, por fim, divertimo-nos no circo das maravilhas...

— Bem, bem... É que... — Tentei responder, mas gaguejei e parei; não sabia como falar à minha Ideia, pelos vistos mais esperta do que eu.

— Anda daí, vamos divertir-nos um pouco! — insistia a tentadora, puxando-me pela mão.

— Está bem, se for só uma voltinha acho que posso: depois termino o meu trabalho a horas. E aonde vais conduzir-me?

— Ao Jardim da Cidade, para dar umas belas cambalhotas.

No que me fui meter!

A Ideia empurrava-me à sua frente e ficava invisível, escondida atrás das minhas costas, com ar muito inocente, mas a rir, sempre a rir...



Brincou no jogo do escorrega até se faltar, depois ensarillhou as correntes de dois baloiços e levou-me a molhar os pés no lago onde nadavam peixes coloridos, como se eu, pessoa idosa, fosse um catraio como ela.

Não satisfeita com estas tropelias, riu-se de dois velhos solteiros que tinham começado a namorar num banco, ao sol de Inverno.

A Ideia ria-se e eu também andava pelo Jardim da Cidade a rir com cara de lua cheia. Então os dois velhos, que não podiam ver a minha Ideia e só me viam a mim, ofenderam-se.

— Parece impossível! — protestaram. — Um grupo de pessoas repetiu logo com eles:

— Parece impossível! Que falta de respeito!

— Não fui eu — expliquei, a desculpar-me. — Foi a minha Ideia que me empurrou para isto. É tão atrevida que nem consigo segurá-la.

Procurei-a para a mostrar, mas ela, invisível atrás de mim, encolheu-se tanto que se sumiu. Em vez de me defender, deixou-me sozinho com um grupo de pessoas e mal colocado, no Dia dos Namoros.

Aborrecido, desandei, a ouvir comentários desagradáveis:

— Imaginem o disparate do homem, vir para um sítio público acompanhado por tal Ideia!

— Aquilo é uma Ideia de criança, não de pessoa crescida! Viram o homem brincar no escorrega e nos baloiços dos miúdos? Devia ser proibido!

— Um homem é responsável pelas Ideias que traz consigo e que o levam a fazer coisas. Se uma Ideia não presta, deita-se fora e arranja-se outra que sirva melhor!

— A sorte de uma Ideia que não presta é cair no poço do Esquecimento... E é bem feito!

Mas acaso merecia a minha Ideia cair no poço do Esquecimento, como se não prestasse para mais do que prestam as que não valem nada?

Uma Ideia bem disposta e brincalhona não é má, até é bonita. E ela, além disso, era esperta, amiga. Uma Ideia assim não podia desaparecer.

E, na verdade, não desapareceu. Uma bela ocasião, caminhava eu distraído por uma rua, plaf!, salta-me a Ideia para os ombros. Põe-se num instante às cavalitas, pega-me em duas mechas de cabelos como se fossem as rédeas de um cavalo e faz-me galopar como um rapazinho em férias.

Eu, cheio de bom senso, resisto. Não quero fazer mais cenas na rua, imaginem, isso não é não! Corro a meter-me em casa, a Ideia fica triste e quase chora, contrariada. Queria andar à solta lá fora e eu despego-me dela para a avisar:

— Se queres brincar comigo, só dentro de casa!

A Ideia, no chão, parecia **TÃO** triste, inocente e pequenina que eu, num impulso, abracei-a, dei-lhe dois grandes beijos nos girassóis das faces e levei-a à janela. Pensava que outra janela vizinha, a da minha amiga, podia abrir-se naquele momento e poderíamos conversar. Mas a minha amiga não aparecia e eu, para consolar a Ideia, deixei-a à solta em casa.

Foi o bom e o bonito! O aspirador, ligado, tornou-se num enorme dragão, só não assustava porque era brincadeira da Ideia, mas assoprava pó e fogo pelas trombas e batia com o rabo formidável, com escamas reluzentes, nas paredes, até que se escondeu na despensa. O retrato da mulher nova, pintado por um mestre, que eu tinha dependurado na sala, tornou-se feio sem as cores de rosa, vermelho e ouro que o pintor lhe emprestou e a Ideia deliu. O tecto do quarto ficou azul cor de céu onde voava um lagarto gigantesco com asas de borboleta como se estivesse numa gaiola. Uma horta já estava a crescer, com muitas couves viçosas, no chão da cozinha e as sete cores do arco-íris tingiam todas as cortinas...

Então não me contive. Entusiasmado com tantas fantasias, peguei na vassoura e, triunfal, exclamei:

— Este é o meu cavalo alado, Pégaso!

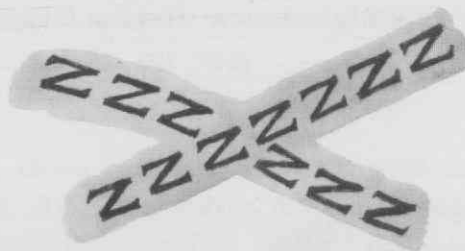
Montei com orgulho de general em parada e convidei a minha louca Ideia para dar uma volta comigo. E...



...Cá vamos nós, disparados através da janela aberta, a voar com o vento e os pássaros!

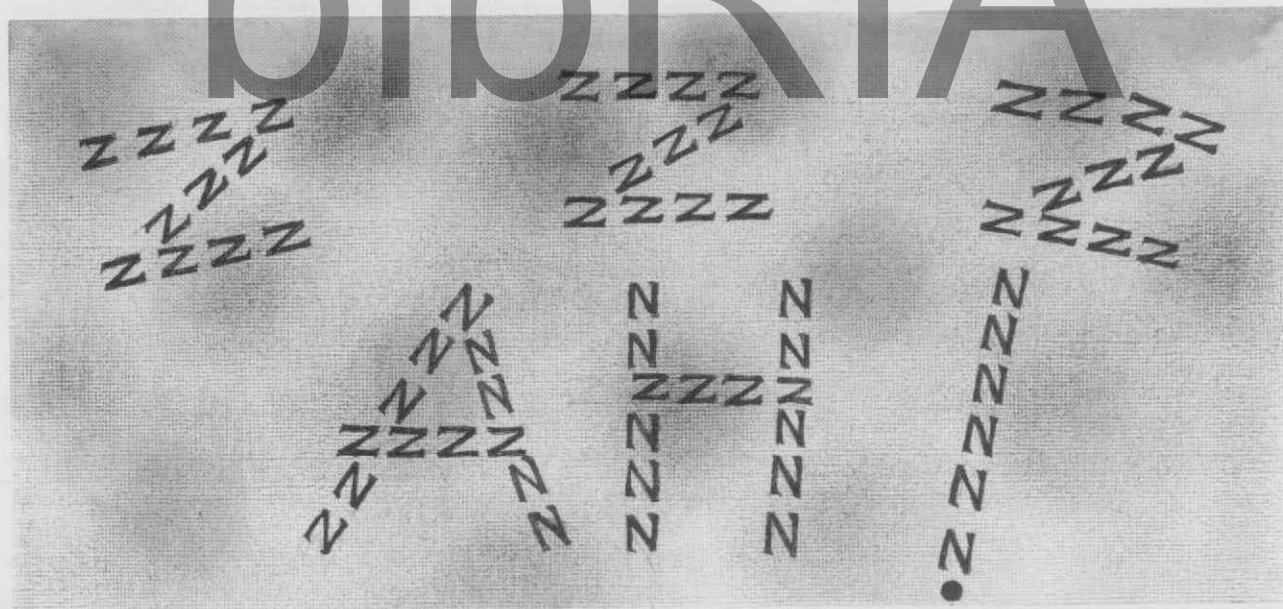
Não sei bem se sou eu que conduzo a Ideia ou se é a Ideia que me conduz a mim na vassoura voadora, meu cavalo alado, Pégaso de seu nome. Mas não importa, é um veículo que nos leva em viagem como se fosse o tapete persa do sultão pobre, ou o avião a jacto do sultão rico!

Voamos por cima dos prédios, das praças e das avenidas da cidade, quase só se vêem telhados. Como tudo parece diferente, mais bonito, visto do alto! Passamos por cima do estádio, tomo gosto à viagem e escrevo no ar com a minha nova caligrafia das asas de Pégaso:



Quero dizer que, na minha opinião, todos os jogos, para serem bons, deviam terminar com um empate.

Depois penso que sou capaz de fazer outras habilidades e sai isto:



Agora voamos em direcção àquela torre de igreja, queremos tirar a ferrugem ao som de bronze dos seus velhos sinos, que não tocam porque foram substituídos por gravações que dão horas electrónicas automáticas.

Está fresco no alto da torre mas Pégaso dá uns coices, a Ideia tranforma-se em sineiro e aí temos de novo a voz antiga destes sinos a falar ao povo:

dlim dlão

ora sim

ora não

bibRIA

DLIM DLÃO

ORA SIM

ORA NÃO

DLIM DLÃO

ORA SIM

ORA NÃO

O cavalo relincha, a Ideia clama ioumpi! e eu quero voltar para casa porque já basta de aventuras. Mas sinto-me arrastado pelos céus, cada vez subo mais alto, perco de vista torres e ruas estreitas com muitos telhados, vamos além das nuvens, ah!, como é amplo o céu, a Terra lá em baixo encolhe-se, redonda e pequenina, e eis que, no veludo estrelado do espaço, aparece o cometa Halley a correr direito a nós, ou nós a correremos direitos a ele, não sei bem.

O cometa Halley, devo explicar, é assim uma espécie de estrela que viaja com linda cabeleira luminosa. Anda às voltas no céu a fugir aos encontros (não gosta de convívios com desconhecidos — explica melhor o cavalo Pégaso, ao que parece entendido em cavalarias celestiais) e por esse motivo os habitantes da Terra mal o vêem passar ao longe, há muitos anos.

Então a Ideia dá um salto e quase tomba da vassoura:

— Estamos no dia de Santo António, vem aí o de S. João e depois temos o de S. Pedro. Pois bem! Vamos agarrar o cometa e obrigá-lo a fazer o que nunca fez: dar três voltinhas à Terra para que alumie a quadra dos nossos santos populares e, assim, todos fiquem a conhecê-lo e a estimá-lo!

Pégaso bate as asas e os cascos, doido de alegria:

— Vamos a isso!

Eu disse qualquer coisa que ninguém ouviu. Já corríamos, soltando gritos de entusiasmo, atrás do cometa, que tinha dado uma volta e, em vez de avançar para nós, se afastava rapidamente a esconder-se de novo na vastidão do céu.



A Ideia, muito mais rápida que Pégaso, alcançou logo a cabeleira do cometa e não a largou. Depois auxiliou-a o cavalo, que não se importou de baixar de categoria e tornar a ser vassoura. Foi à vassourada que o cometa ficou nas nossas mãos. Teve de fazer marcha-atrás, curvou-se graciosamente em torno da Terra e rodeou-a num abraço de luz. Via-se mesmo por cima da nossa cidade.

Os negros de África, os amarelos da Ásia, os índios da América e os europeus puderam, como nós, apreciar de perto a maravilha. E todos exclamaram:

— Que lindo!

E foi assim que as noites dos santos populares, pela primeira vez, se transformaram em dia!

bibRIA

**Outras obras do autor
para crianças**

Os segredos do subterrâneo, *ilust. de Ivone Ralva, Ed. Um de Outubro, 1986 («Prémio Ano Internacional da Juventude»)*

História com ratos da Paspalhóvia, *ilust. de Manuela Bacelar, Ed. Afrontamento, 1986*

Histórias com historinha dentro, *ilust. de Júlio Resende, Ed. Figueirinhas, 1986*

A roda que saiu dos eixos, *ilust. de Luísa Brandão, Ed. Asa, 1987*

A Sopa das Nove Letras, *ilust. de Emerenciano, Porto Editora, 1988*

bibRIA

biblioteca

VOLUMES PUBLICADOS

UMA CIDADE NO ARCO-ÍRIS
O PEIXE DE CRISTAL
DÁS-ME UM TESOURO?
A SOPA DAS NOVE LETRAS
SONHOS NA PALMA DA MÃO
TENHO UMA IDEIA
O REI RIQUE
HISTÓRIAS DOS PÉS À CABEÇA
AVENTURA COM ASAS

Colecção de Autores Portugueses

6



5 601023 712069

Tenho Uma Ideia
82-93 MOT e. 4

002491

